

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE BIOLOGIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

OBRIGATÓRIO: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE.

Elaborado por

RAFAELA DE SOUSA GOMES

Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. LANA CLAUDIA DE SOUZA FONSECA

Seropédica - 2014

RAFAELA DE SOUSA GOMES

Prof.^ª. Dr.^ª. LANA CLAUDIA DE SOUZA FONSECA

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO
OBRIGATÓRIO: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE.**

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de licenciado em
Ciências Biológicas do Instituto de Biologia da
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Julho - 2014

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO
OBRIGATÓRIO: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE.**

RAFAELA DE SOUSA GOMES

MONOGRAFIA APROVADA EM: 11 / 07 / 14

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE:


(Prof.^ª Dr.^ª Lana Claudia de Souza Fonseca - UFRRJ)

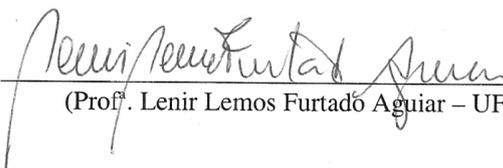
MEMBRO TITULAR:


(Prof. Dr. Benjamin Carvalho Teixeira Pinto - UFRRJ)

MEMBRO TITULAR:

(Prof.^ª Dr.^ª Lígia Cristina Ferreira Machado - UFRRJ)

MEMBRO SUPLENTE:


(Prof.^ª Lenir Lemos Furtado Aguiar - UFRRJ)

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora, Lana Fonseca, por ter dedicado seu tempo e compartilhado suas experiências, contribuindo grandemente para minha formação acadêmica. Obrigado pela paciência e principalmente, por ser um exemplo de profissional para nós!

Aos meus pais pelo amor e dedicação, por terem me apoiado e incentivado a chegar até aqui. Por terem aturado todo meu estresse no período de provas e seminários, pelas broncas do meu pai quando me encontrava passando a madrugada estudando incansavelmente, e principalmente, por todas as vezes que minha mãe emprestou seu ouvido para ficar me escutando a ler meus textos e trabalhos e por todas as vezes que ela dizia: está bom! (Mesmo quando eu sabia que ela não estava entendendo nada! rs). Obrigado por terem me apoiando e me auxiliado a encarar esse desafio, essa conquista é de vocês! Amo vocês incondicionalmente!

À minha família, de longe e de perto, em especial aos meus irmãos, Samantha e Israel. Vocês são presentes de Deus em minha vida! Hoje vocês assistem a minha conquista, mas certamente amanhã serei eu quem estarei aplaudindo a vitória de vocês! Obrigado por tudo, amo vocês!

Ao meu noivo, Filipe, meu melhor amigo e grande companheiro, pelo grande incentivo lá no início de tudo e ao longo de todos esses anos. Obrigado pela infinita ajuda nas disciplinas com cálculos, sem você, sem dúvidas, meu fardo seria muito maior! Obrigado pela paciência da espera, e sim... eu aceito me casar com você! Te Amo!

Às minhas lindas amigas Elayne, Geysa, Jennifer, Jéssica e Nicole, por estarem me aturando desde o início da faculdade, convivendo com meu desespero pré-provas e compartilhando as alegrias e conquistas. Deus me presenteou com cinco preciosidades,

e por mais distante que um dia possamos estar, que os laços da nossa amizade nos aproxime sempre! Eu sei que a partir de agora não nos veremos com tanta frequência, mas estou certa que nossa amizade durará para sempre! O que a rural constrói, a distancia não destrói!

Às queridas Aline, Gisele, Cris e Bia por dividirem comigo esse momento tão atribulado que é a construção da monografia, que muitas vezes tornou-se até engraçado pelas conversas cômicas nos momentos de desespero. Obrigado pela infinita ajuda e amizades conquistadas.

À todos os professores que contribuíram para minha formação, desde à tia Lia até os professores da Rural. Em especial, agradeço à professora Débora, pois foi através de suas aulas que me vi bióloga (ou professora?), talvez ela até já tenha se esquecido de mim, mas eu certamente jamais a esquecerei! “Um professor pode não se lembrar de todos os seus alunos, mas cada aluno, com certeza leva por toda vida um pedaço do professor.”

A todos que contribuíram de alguma forma para a elaboração deste trabalho, vocês são maravilhosos!

À Deus, por renovar as minhas forças ao longo desses anos e pelas oportunidades que tem me concedido. Obrigado Senhor, por ter me capacitado a ter chegado até aqui!

Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre!

Amém.

(Rm 11:36 – NVI)

*“Seja você quem for, seja qual for a posição social que você tenha na vida,
a mais alta ou a mais baixa, tenha sempre como meta muita força,
muita determinação e sempre faça tudo com muito amor e com muita fé
em Deus, que um dia você chega lá. De alguma maneira você chega lá.”*

Ayrton Senna

RESUMO

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE.

Este trabalho teve como objetivo compreender como a vivência durante o estágio supervisionado permite aos alunos de licenciatura em biologia construir o conhecimento prático e de que forma estes conhecimentos podem contribuir para a formação inicial que mobilize saberes docentes. O desenvolvimento desta pesquisa foi um estudo qualitativo, baseado em análise de relatórios de estágio supervisionado e questionários respondidos pelos mesmos alunos que forneceram os relatórios. Além disso, realizamos entrevista com uma ex-coordenadora do estágio supervisionado da instituição estudada. De acordo com os dados fornecidos, é consenso que os licenciandos compreendem a importância do Estágio Supervisionado Obrigatório, porém, destacam que há muitas lacunas que precisam ser repensadas para o melhor aproveitamento deste momento. Como necessidades a serem supridas, destacamos que o estágio precisa fornecer ferramentas aos alunos que possibilitem integrá-los ao ambiente escolar, não apenas como agente observador, mas possibilitando a este uma maior atuação. Além disso, há a necessidade de uma maior supervisão dos orientadores a respeito do ambiente escolar em que estaremos inseridos durante o período de estágio supervisionado, e principalmente, é necessário que haja um diálogo constante entre estagiários e orientadores, de forma a compartilharmos nossas experiências e empregarmos significados a elas.

Palavras – Chave: Estágio Curricular Supervisionado, Formação de professores, saberes docentes.

ABSTRACT

TÍTULO: CHALLENGES AND OPORTUNITIES ON THE SUPERVISED TRAINING: CONTRIBUTIONS FOR THE TEACHER TRAINING

The objective of this work was understand how the experience during the Supervised Training allow the students of Biology to develop practical knowledge and in what way does this knowledge can contribute to the initial formation that mobilizes Teacher Knowledge. The development of this research was a qualitative study based on analysis of supervised training report and questionnaires done by the same students that provided the reports, furthermore, we interviewed an ex-coordinator of the supervised training of the institution where the research was performed. According to the provided data, there is consensus that the college graduates understand the relevance of supervised training, though, emphasize that there are gaps that should be reconsidered to better utilization this moment. Among the needs to be addressed, we emphasize that the training needs to provide tools which allow the students integrate them to the school environment, not only as an observer, but enabling them to increase acting. In addition, there is a need of more supervision of the guiding teacher in the school in which we are inserted during the training, and mainly, it is necessary to exist a constant dialogue between the trainees and the guiding teacher in order to share the experiences and give meaning to them.

Keyword: Supervised Training, teacher training, Teacher Knowledge.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1. De aluna à professora: Trajetória de uma formação docente em construção..... | 1 |
| 1.2 Formação docente: uma reflexão sobre a atual realidade..... | 3 |
| 1.3 A Legislação sobre o estágio supervisionado | 5 |
| 1.4 O Estágio Supervisionado: contribuições para a formação de professores | 6 |
| 2. MATERIAL E MÉTODOS | 11 |
| 2.1. Objetivos | 11 |
| 2.2 Especificidades sobre o Estágio Supervisionado em nosso locus de pesquisa ... | 11 |
| 2.3. Caracterização dos sujeitos | 13 |
| 2.4. Procedimento metodológico..... | 13 |
| 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO | 15 |
| 3.1. Análise dos relatórios | 15 |
| 3.2 Compartilhando nossas reais experiências | 17 |
| 3.3 A contribuição do estágio supervisionado para a formação docente e suas limitações: a visão do orientador | 23 |
| 4. ANEXOS | 28 |
| 4.1. Questionário destinado aos licenciandos. | 28 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS | 29 |

1. INTRODUÇÃO

1.1. De aluna à professora: Trajetória de uma formação docente em construção.

Acredito que neste momento tão especial, que representa o fim de um ciclo em minha vida, seria interessante falar um pouco dos caminhos que me trouxeram até aqui. Moradora de Seropédica, cresci passando os finais de semana passeando com meus pais pelo campus da UFRRJ, desejando estar um dia dentro daqueles prédios que só conhecia de fora. Devido à proximidade com a universidade e ao meu carinho especial pelo Campus, minha escolha pela Rural aconteceu antes mesmo da escolha pela biologia. Esta última se deu momentos mais tarde, por intermédio de uma professora do ensino médio, exemplo de profissional para mim.

Quando iniciei meus estudos na Universidade Rural, logo de início fui apresentada à licenciatura. Todos diziam que era o caminho mais seguro a seguir e repetidas vezes fui informada que não havia muitos empregos para biólogos, e por isso, muitos alunos decidiram por licenciatura, mesmo aqueles que odiavam a ideia de estar à frente de uma sala de aula. Tenho que admitir, a licenciatura me conquistou aos poucos, num processo bastante doloroso. Minha experiência em sala de aula se iniciou de forma bastante peculiar, que me levou a grandes reflexões no decorrer dos quatro estágios supervisionados obrigatórios, além disso, foi o principal motivo que me levou a delinear o presente trabalho.

Meu primeiro contato com a escola foi no terceiro período, no estágio supervisionado I. A Escola Municipal pertence à cidade de Seropédica, é relativamente pequena e possui seis salas. Atende a, aproximadamente, 500 alunos matriculados no Ensino Fundamental, do sexto ao nono ano, distribuídos nos turnos da manhã e tarde, sendo eles de faixa etária bastante diversificada. A professora, a qual acompanhei neste período, lecionava com turmas de sexto e sétimo anos e acompanhei duas delas. Quando iniciei o estágio, fui informada de que havia turmas problemáticas, com um número elevado de alunos e de difícil controle. Realmente, as turmas eram bastante eufóricas, gostavam de conversar e havia uma turma que se destacava pelo caos que causava. Para colocar ordem na sala, era necessário aumentar o tom de voz e, por diversas vezes, alguém da secretaria aparecia.

A indisciplina pode ser considerada como resultante do processo de interação entre o professor e o aluno, que possuem percepções próprias. Muitos professores se queixam do baixo rendimento de seus alunos, porém, podemos dizer que o insucesso do

aluno é também o do professor. Um profissional sem compromisso com o seu trabalho, que fica estagnado na sua rotina, reproduzindo o que seus professores produziam, que não se atualizam, tem uma forte tendência de produzir um quadro de indisciplina. De forma inversa, o professor comprometido com o aprendizado dos alunos, que mantém um vínculo de respeito mútuo, planejando suas aulas de forma dinâmica e que permita o aproveitamento da bagagem que o aluno leva consigo para a sala de aula, acaba motivando os alunos, resultado na otimização do processo de ensino e aprendizagem.

No momento do estágio supervisionado, no qual vivenciava momentos de tensão entre alunos e o professor, pensava em possibilidades para quebrar aquela rotina. Foi nesse momento que olhei além da sala em que estava inserida e comecei a perceber o trabalho de outros professores, como se comportavam em sala de aula e o que eles faziam com o pouco recurso que lhes era oferecido. Comecei a observar que havia aulas em que a turma, rotulada como a “pior da escola”, participava positivamente de atividades, parecia gostar de estar lá. A partir daí, comecei a perceber o poder do professor frente a uma turma. O professor pode ser uma figura que motiva o aluno a buscar além do que é oferecido em sala de aula, em contrapartida, também pode ser um ser desestimulador.

Todo tempo me recordava dos filmes vistos nas aulas de psicologia da educação, como *Mentes perigosas* (1995) e *Escritores da Liberdade* (2007), dois filmes que mostram professores que mudaram a realidade da sala de aula. É certo que para mudar a realidade da turma, o professor deve agir de forma a interagir com os alunos, levando em conta, não apenas o momento presente, mas também entendendo que o aluno é também influenciado por fatores externos. O início do processo de ensino e aprendizagem se dá através da família e esse processo pode ser influenciado de forma positiva ou negativa (NUNES, 2006).

Durante o tempo que estive observando a turma, pude me deparar com diversas situações as quais me fizeram refletir sobre a questão: “o que é ser professor?”, percebi durante esse tempo, que há inúmeros profissionais desmotivados com essa profissão. Por inúmeras vezes estive em situações constrangedoras em um ambiente que deveria ser acolhedor, fui desmotivada pela professora, me dizendo que a profissão ao qual eu amo, “não dá futuro”, e que ainda havia tempo de mudar. Muitas vezes saí da escola com vontade de não voltar mais, totalmente desanimada com a educação.

Acredito que o estágio é um momento de extrema importância na formação do professor, pois é o primeiro contato que o licenciando tem com o seu futuro ambiente de trabalho e foi frustrante me deparar com profissionais que insistiam em me questionar o

que eu estava fazendo ali, “jogando minha vida fora” num curso de licenciatura. Sempre admirei professores dedicados ao trabalho, pois ser professor é muito mais que uma profissão. Assim como médicos cuidam de vidas, professores também fazem isso, devemos cuidar pelo bem estar dos alunos e, principalmente, de seu aprendizado, pois enquanto os alunos estão em salas de aula, somos responsáveis por eles.

Muitas vezes o estagiário se torna um intruso na sala de aula, os alunos a princípio ficam curiosos para saber o motivo da visita e o professor não se sente muito à vontade em ver sua aula sendo analisada por um aluno. Percebo que falta uma maior articulação entre a universidade e a escola, para propiciar ao estagiário um ambiente mais acolhedor e, principalmente, que forneça meios para atingir os objetivos propostos.

O estágio deveria permitir um encontro pedagógico entre quem já é profissional e quem está caminhando para isto. Isto possibilitaria ao aluno conhecer um pouco mais da realidade ao qual ele será inserido. O ideal seria que o professor supervisor da escola fosse um espelho aos futuros professores, entretanto, na prática, isso não funciona muito bem. No estágio eu não desenvolvi nenhuma atividade que me possibilitasse colocar em prática o que eu aprendi na universidade.

Na formação de professores, são esperados muitos avanços para qualificar e melhor preparar os futuros docentes e um caminho para essa melhora pode estar no estágio supervisionado, numa melhor supervisão e articulação entre a escola e a universidade.

O presente trabalho apresenta três partes. A primeira tem como objetivo inserir uma fundamentação teórica sobre o estágio supervisionado na formação de professor, aproveitando o momento para uma breve discussão a respeito da atual realidade da profissão docente. Também tecemos alguns comentários sobre a legislação do Estágio nos cursos de formação de professores. Na segunda parte buscamos descrever a metodologia empregada. Na terceira e última parte encontram-se os resultados da pesquisa juntamente com a discussão. Por fim, foram feitas algumas considerações finais.

1.2 Formação docente: uma reflexão sobre a atual realidade

Além de educador, o professor deve ser mais que um transmissor, ele deve agir como mediador, servindo de ponte entre o aluno e o conhecimento. O professor não pode ser visto como um livro, que já apresenta todas as páginas preenchidas de conteúdos que não podem ser reorganizados, ele não é um depósito de saberes. Deve

levar o aluno à construção da aprendizagem, ensinando-o a pensar e questionar, formulando e construindo, juntos, o conhecimento.

Segundo Freire (1979) a ação do professor é o pilar de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Para isso, o docente deve, antes de tudo, aprender a ensinar, é preciso ter paixão pela profissão (BULGRAEN, 2010). Não basta o professor dominar o conteúdo, é necessário mais que isso para desempenhar o importante papel de educador. Além disso, os profissionais da educação precisam de algumas bases de conhecimentos, não apenas no seu campo de conhecimento específico, mas também os conhecimentos relacionados à docência. (MIZUKAMI, 2002).

Apesar da grande importância dessa profissão, nos dias atuais há uma crescente desvalorização, até mesmo pelos próprios educadores. Segundo Tardif e Lessard (2005) as cobranças pessoais dos professores se misturam com as cobranças da escola e da própria sociedade. Além disso, o professor possui o sentimento de insatisfação diante de sua atividade, pois vive em conflito entre o trabalho idealizado e as dificuldades para tornar este trabalho real. De acordo com Tardif e Lessard (2005), houve uma mudança de valores em relação ao papel do professor, principalmente em relação ao que tange as famílias.

Para uma educação de qualidade, não há como desvincular as condições de trabalho do preparo do professor. Uma boa aula depende de um bom planejamento, e este último requer tempo para elaboração. Considerando que, na maioria dos casos, a remuneração do professor é baixa, o que o obriga a trabalhar em mais de uma escola, acumulando diversas atividades pedagógicas, que não se limitam apenas ao espaço escolar. Nesse caso, o professor não consegue tempo hábil para dedicar-se ao planejamento de suas aulas.

O professor tem um papel fundamental na sociedade, pois sem ele o médico nunca chegaria à medicina, tampouco um engenheiro saberia desempenhar o seu papel. Para formação de qualquer profissional, a figura do professor é fundamental. Infelizmente, apesar do papel imprescindível deste profissional, o número de jovens que pretendem seguir carreira docente tem sofrido um grande decréscimo, fruto da desvalorização social e financeira, além da rotina desgastante (LEMOS, 2009), além disso, Lapo & Bueno (2003) afirmam que muitos professores acabam deixando a profissão docente no decorrer de sua carreira profissional e os principais motivos são a baixa remuneração associada à oportunidade de emprego mais rentável, péssimas condições de trabalho e desprestígio profissional.

1.3 O estágio supervisionado na legislação nacional

As licenciaturas tiveram origem no Brasil na década de 1930 e permaneceram durante muitos anos sem alterações significativas em seu modelo. Nessa época, a formação de professores obedecia ao modelo “3+1”, na qual os 3 primeiros anos conferiam ao aluno o título de bacharel e o curso de didática, cuja duração era de 1 ano, resultava no título de licenciado, dando-lhes o direito de exercer o magistério. Esse modelo parecia priorizar o conteúdo do bacharel, passando uma ideia de que a formação pedagógica seria menos importante. Em outras palavras, como explica Chagas (1976), este esquema “3+1” tinha como regra a separação do que e de como ensinar.

Atualmente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Lei nº 9.394/96) é a legislação que regulamenta o sistema educacional brasileiro, com princípios presentes na Constituição Federal. A LDB trata de todos os níveis da educação, incluindo a formação dos profissionais de educação. Dos artigos 61 a 67, esta Lei trata exclusivamente dos profissionais da educação.

O artigo 61 teve sua redação alterada pela Lei nº 12.056/2009, tendo sido acrescido o parágrafo único, que visa estabelecer os fundamentos da formação de profissionais da educação:

- I – a presença da sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;
- II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação de serviço;
- III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades.

Ainda, de acordo com a LDB, o artigo 65 informa que a formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de no mínimo 300 horas. Esse artigo é complementado pelo artigo 66, que informa que o exercício do magistério superior será permitido em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado.

Após a publicação da LDB, diversos documentos oficiais foram aprovados pelo Conselho Nacional de Educação. As Diretrizes Curriculares Nacionais para formação da educação básica em nível superior foram instituídas pela resolução CNE/CP 01/2002 e CNE/CP 02/2002.

A resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002, institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores. Esta resolução ressalta a

importância na articulação entre a teoria e a prática nos cursos de formação de professores, informando que a prática deverá estar presente desde o início do curso em todas disciplinas que constituírem os componentes curriculares de formação, e não apenas nas disciplinas pedagógicas. Além disso, o estágio curricular supervisionado deverá ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do curso. Em complementação, a Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002, em seu artigo primeiro, institui a duração e carga horária dos cursos de licenciatura de no mínimo 2.800 horas, nestas quais:

- I - 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso;
- II - 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso;
- III - 1800 (mil e oitocentas) horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural;
- IV - 200 (duzentas) horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais.

Nestas resoluções, é possível perceber a preocupação em formar professores preparados para o ensino que vise à aprendizagem do aluno, apontando que a formação do professor deve fundamentar-se na associação entre a teoria e a prática. Segundo Feldkercher (2010, p. 112) *“idealiza-se, então, que a teoria e prática sejam indissociáveis durante a formação inicial de professores e que a prática não fique isolada ao estágio curricular supervisionado.”*.

1.4 O Estágio Supervisionado: contribuições para a formação de professores

O Estágio Supervisionado obrigatório, realizado nos cursos de licenciatura, é uma atividade de aprendizagem de grande importância, sendo um dos requisitos para a conclusão do curso da graduação de licenciatura, de acordo com o Parecer CNE/CES 1301/2001: *“O estágio curricular deve ser atividade obrigatória e supervisionada que contabilize horas e créditos.”* O estágio supervisionado *“assume um papel relevante na formação do professor”* (PIMENTA & LIMA, 2004, p. 17), pois é através deste que, muitas vezes, o licenciando tem sua primeira experiência em sala de aula. Sua função é a de integrar a escola e a universidade, articulando a teoria e a prática, contribuindo para a formação do professor (ZIMMERMANN E BERTANI, 2003). Esta experiência é importante para a educação profissional, pois oferece a oportunidade aos discentes de

vivenciar o seu futuro campo de atuação, permitindo-lhes a utilização do conhecimento adquirido na vida profissional e acadêmica (FILHO, 2010).

Larrosa Bondía (2002) destaca três motivos que nos impedem de adquirir experiência. Para ele, “*a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca*” (p.21). Em primeiro lugar, o autor informa que o excesso de informação é um dos principais motivos que bloqueiam a experiência. Vivemos numa busca incansável por informações, que muitas vezes nos chegam sem nenhum significado. A informação não produz experiência, ao menos que ela nos mude. O segundo motivo é o fato de estarmos vivendo em um mundo com excesso de opiniões. Larrosa Bondía (2002) destaca que “*o sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina*”, e essa obsessão pela opinião reduz a possibilidade de transformá-la em experiência, da mesma forma que cada vez opinamos mais, também nada nos acontece. A falta de tempo se configura como outro aspecto negativo para experiência. Estamos cada vez mais sedentos de conhecimento, passamos mais tempo no espaço escolar, mas sem a devida qualidade. Essa pressa acaba nos fazendo perder conexões entre os acontecimentos, não nos mudando. De acordo com Larrosa Bondía (2002, p. 21),

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito.

A falta de tempo está diretamente ligada ao último motivo destacado por Larrosa Bondía (2002), o excesso de trabalho. Podemos dizer que estamos em constante busca por informações, que nos possibilita formar opiniões. Não temos tempo por trabalhar demais, o que nos impossibilita parar para pensar, e refletir, nos esvaziar de nossas opiniões e nos permitir ter tempo de transformar todo esse arcabouço de informações em significados que nos mude, que se transforme em experiência.

Ainda, segundo Larrosa Bondía(2002, p.25) “*A palavra experiência vem do latim experiri, que significa provar(experimentar)*”, sendo assim para adquirirmos a experiência precisamos experimentar. O estágio supervisionado, na formação docente, tem o papel de permitir aos licenciandos a possibilidade de experimentar o seu futuro ambiente de trabalho. Por si só, não é capaz de transformar-se em experiência, para tal, o sujeito precisa entender a importância deste momento na sua formação e se permitir

ser mudado por ela. “*Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.*” (ibid, p. 26).

De acordo com Santos (2005) o Estágio Supervisionado curricular é um espaço de construções significativas no processo de formação docente, devendo ser encarado como uma oportunidade de formação contínua da prática pedagógica. Além disso, permite ao licenciando fazer uma nova leitura do ambiente escolar, não mais como aluno, mas como um profissional em formação, permitindo-lhe observar a ação de outros profissionais nas mais variadas situações, tomando como base esses momentos para reflexão sobre o papel do professor no ambiente escolar. Essas informações que podem ser vivenciadas pelos licenciandos, tem o poder de transformar-se nas mais variadas experiências, ou, ainda, podem não trazer nenhum significado ao aluno. Neste sentido:

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (LARROSA BONDÍA 2002, P.27)

A construção do professor não se limita apenas ao período do curso de formação, de acordo com Lopes (2007, p.19) “*A formação do docente, a aquisição do saber ensinar ou mesmo do aprender a ensinar, não se reduz ao curso universitário, é uma caminhada muito mais longa e complexa que envolve o próprio desejo de se construir professor*”. Além disso, o licenciando já tem modelos construídos do que é ser professor, que são moldados no decorrer de sua vida. Segundo Nóvoa (1992, p.25) “*a formação do professor não se constrói pelo acúmulo de cursos, conhecimentos ou de técnicas, mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal*”.

De acordo com Borges (2004, p. 260), “*os professores não se apoiam em um saber para ensinar, mas em vários*”. Tardif (2002) apresenta tais saberes em quatro categorias: saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, saberes curriculares e experienciais. Os saberes de formação profissional são aqueles transmitidos pela instituição de formação de professores (escolas normais e curso de formação de professores) e estão relacionados a técnicas e métodos de ensino, o saber-fazer. Saberes disciplinares são aqueles que a sociedade dispõe e são selecionados pela instituição universitária, correspondem a vários campos de conhecimentos e são integrados na universidade sob forma de disciplina e são transmitidos nos cursos

independente das faculdades de educação e curso de formação de professores. Os saberes curriculares, por sua vez, são conhecimentos relacionados à forma como a instituição educacional faz gestão dos conhecimentos produzidos pela sociedade e devem ser transmitidos aos estudantes, apresentando-se sob a forma de programas escolares (objetivos, conteúdos, métodos) que professores devem aprender a aplicar. Por fim, saberes experienciais são desenvolvidos pelos próprios professores no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio, surgem através de experiências e são por elas validados.

Ainda, Tardif (2002) comenta que:

Em suma, o professor ideal é alguém que deve conhecer sua prática, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos. (p. 39)

Os saberes de formação profissional, disciplinares e curriculares se incorporam efetivamente na prática docente, porém não são produzidos ou legitimados por ela (TARDIF, 2002). Na realidade, a relação do professor com esses saberes é, muitas vezes, apenas de transmissor, mas não de produtor.

O Estágio supervisionado *“é uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal, além disso, é um instrumento de integração entre a escola, universidade e comunidade.”* (FILHO, 2010). O professor pode ser um agente transformador da sociedade, no tocante que atua como agente multiplicador de conhecimentos, contribuindo para a formação de cidadãos participativos, além de estimular o senso crítico (FERNANDEZ; SILVEIRA, 2007). O estágio supervisionado traz grandes contribuições tanto para escola quanto para a sociedade, visto que é o momento onde o licenciando adquire a vivência em seu ambiente de trabalho e tem a oportunidade de aprimorar sua prática pedagógica. Sendo assim, a formação que o licenciando recebe no ambiente universitário e é complementado no espaço escolar, visa beneficiar a comunidade.

Para que a experiência seja relevante ao professor em formação, esta atividade não deve ser encarada apenas como uma obrigação curricular, o que infelizmente, ocorre na maioria das vezes. Fonseca (2012) realizou um levantamento em turmas de licenciatura em Biologia, buscando identificar quantos alunos pretendiam seguir carreira docente e constatou que poucos gostariam de ser professores, a maioria admitia a ideia de lecionar, mas de forma temporária ou não via possibilidade alguma de seguir carreira

docente: *“Medo, insegurança, desconhecimento são algumas das causas apontadas pelos licenciandos para justificarem o fato de não quererem assumir o magistério como profissão.”* (FONSECA, 2012).

Apesar da inegável importância do estágio supervisionado, diversos fatores configuram-se como barreiras a serem ultrapassadas a fim de um maior aproveitamento desta atividade. Nascimento & Anselmo (2011) destacam que a diversidade de saberes a serem adquiridos pelos graduandos e a falta de tempo na disciplina para refletir e estudar as condições precárias das escolas públicas e ainda a presença “presente” do professor orientador são desafios constantes no estágio supervisionado.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1. Objetivos

No estágio supervisionado o licenciando tem a possibilidade de vivenciar situações relevantes para o exercício da profissão. Dessa forma, essa pesquisa busca compreender como a vivência durante o estágio supervisionado permite aos alunos de licenciatura em biologia construir o conhecimento prático e de que forma estes conhecimentos podem contribuir para a formação inicial que mobilize saberes docentes.

2.2 Especificidades sobre o Estágio Supervisionado em nosso lócus de pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A escolha deve-se ao fato de minha graduação ter sido feita nesta instituição, além disso, a proposta deste trabalho surgiu a partir de minha vivência marcante no estágio supervisionado I, ao qual tive a oportunidade de refletir sobre a importância deste momento na construção da minha formação docente.

A elaboração da proposta de regulamento para os Estágios foi iniciada em 2008, pela Pró-reitoria de Ensino de Graduação da UFRRJ e visava atender às Diretrizes Curriculares Nacionais e à Legislação Nacional pertinente¹. A resolução CEPE nº 138, de 11 de dezembro de 2008, aprovou o Programa Institucional de Formação de Professores para Educação Básica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, enquanto que a deliberação do CEPE nº 124, de 27 de abril de 2009, dispunha sobre o Regulamento Geral do Estágio Supervisionado Obrigatório da UFRRJ. Ao se verificar a necessidade de adequações, a Deliberação 124/2009 foi submetida a uma revisão pelo Fórum de Coordenações de Curso nos dias 13 de setembro, 03 de dezembro, 17 de dezembro de 2010, 25 de fevereiro de 2011 e 16 de março de 2011, originando a Deliberação nº 021, de 19 de abril de 2011.

O artigo 3º apresenta dois incisos a respeito dos objetivos do Estágio Supervisionado Obrigatório:

¹ A regulamentação anterior do estágio da instituição foi elaborada em 1989, através da deliberação nº 65 de 22/08/1989

I - oferecer oportunidade de aprendizagem em ambiente profissional aos alunos do curso de graduação, constituindo-se em instrumento de integração, capacitação para o trabalho, aperfeiçoamento técnico-cultural e científico, e de relacionamento humano.

II - proporcionar aprendizado de competências próprias da atividade profissional, objetivando a contextualização curricular, a articulação teoria-prática, o desenvolvimento para a vida cidadã e para o trabalho em geral.

O Estágio Supervisionado Obrigatório do curso de Ciências Biológicas visa inserir o licenciando em seu futuro ambiente de trabalho, devendo atender “às normas legais no que diz respeito à estrutura e carga horaria e as Diretrizes Curriculares Nacionais”, devendo cumprir a carga horária de 400 horas, que na UFRRJ é formada por 4 atividades acadêmicas e o cumprimento destas é indispensável para a aprovação e integralização do curso. O Estágio I é voltado a acompanhar o desempenho de turmas do ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano), o Estágio II visa acompanhar o desempenho de outras modalidades de ensino como Educação Jovens e Adultos, Educação Infantil e Educação Especial. O Estágio III fundamenta-se em acompanhar o desempenho de turmas de Ensino Médio (do 1º ao 3º ano) e, por fim, o Estágio IV é realizado em espaços educativos não-escolares, como Museus, Parques, Reservas, entre outros. Sendo assim, o Estágio Supervisionado permite a compreensão e vivência de diferentes meios de se exercer a docência (CYRINO; PASSERINI, 2009).

As atividades discentes em programas e projetos institucionalizados poderão conferir ao aluno “abatimento da carga horaria de estágio quando previsto no Projeto Pedagógico do curso e com aproveitamento de até 50% da carga horaria total do estágio.” (DELIBERAÇÃO Nº 021, DE 19 DE ABRIL DE 2011, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão).

Do art. 11º ao 23º da Deliberação nº 021, de 19 de abril de 2011, trata da organização, estrutura, supervisão e atribuição de cada componente do estágio. Nestes, faz necessário destacar as atribuições do orientador do estágio, que deve orientar a elaboração e execução do plano de estágio, devendo manter contato com o supervisor do estágio na instituição concedente e com a comissão de Estágio do Curso.

Cabe ao estagiário (art. 21º):

I - Solicitar matrícula na atividade acadêmica de estágio durante a pré-matrícula de cada período letivo.

II - participar das atividades de orientação sobre o estágio;

III - observar sempre os regulamentos de estágio da Instituição Concedente;

- IV - entregar o plano de atividades ao Orientador de Estágio Curricular Supervisionado;
- V - cumprir o plano de atividades estabelecido;
- VI - enviar, dentro dos prazos estabelecidos, os documentos solicitados pela Instituição Concedente e pela Divisão de Estágios;
- VII - zelar pelo nome da Instituição Concedente e da UFRRJ;
- V - cumprir o plano de atividades estabelecido;
- VI - enviar, dentro dos prazos estabelecidos, os documentos solicitados pela Instituição Concedente e pela Divisão de Estágios;
- VII - zelar pelo nome da Instituição Concedente e da UFRRJ;
- VIII - manter um clima harmonioso com a equipe de trabalho no âmbito da Instituição Concedente e da UFRRJ;
- IX - quando necessário, dirigir-se ao seu Orientador mantendo sempre uma conduta condizente com sua formação profissional;
- X - elaborar os relatórios parciais de atividades, conforme o estabelecido nas normas específicas do Curso, com a ciência do Supervisor submetendo-os à aprovação do Orientador e apresentá-lo à Comissão de Estágio do Curso;
- XI - entregar à Comissão de Estágio do Curso o relatório final, atendendo às normas específicas do Projeto Pedagógico do Curso, com o devido aval do Supervisor e do Orientador. O relatório final de estágio deverá ficar à disposição da Comissão de Estágio até a colação de grau do aluno.

Ao final do período de cada estágio supervisionado, o estagiário deve entregar um relatório que deve constar, dentre outros, a avaliação do estágio e a autoavaliação, onde o licenciando tem a possibilidade de expressar seus pensamentos inerentes ao período do estágio supervisionado.

2.3. Caracterização dos sujeitos

Os sujeitos de nossa pesquisa são sete alunos matriculados no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, que realizaram o estágio supervisionado obrigatório I e uma ex-coordenadora do estágio supervisionado obrigatório de Ciências Biológicas.

Os nomes utilizados para os sujeitos de nossa pesquisa são fictícios, objetivando preservar suas identidades.

2.4. Procedimento metodológico

Para a concretização desta pesquisa, optamos por um estudo de caráter qualitativo, *“uma vez que o tratamento de informações tende a seguir um caminho de indução, dando ênfase à descrição, à significação e à interpretação dos dados obtidos”*

(LOPES, 2007, p. 27). A pesquisa qualitativa preocupa-se com os fatos, em entender o sentido do que é dito, e não apenas em comprovar alguma hipótese ou testá-la.

De acordo com Ludke & André (1986), a pesquisa qualitativa pode apresentar caráter documental, pois busca identificar fatos em documentos a partir de questões de interesse. Podemos considerar como técnicas qualitativas de coleta de dados, a observação participante, a entrevista e a análise documental (BECKER, 1994; PATTON, 1980). Dessa forma, utilizaremos como metodologia a análise documental de relatórios do estágio supervisionado I, disponibilizados por licenciandos e entrevistas de coordenadores do estágio.

Vilela (2008, p. 72) afirma que “*as vivências dos licenciandos nesse momento de sua formação encontram-se expressas em relatórios redigidos por eles.*”. Segundo a autora, esses relatórios constituem-se como o primeiro, e muitas vezes o único registro dos professores em formação sobre sua experiência, sendo ricos em conhecimentos, ações e pensamentos dos licenciandos.

Por meio das impressões contidas nos relatórios, pode-se realizar uma análise da importância do estágio supervisionado na formação inicial, além de identificar se a proposta de estágio de “*oferecer oportunidade de aprendizagem em ambiente profissional*” (DELIBERAÇÃO Nº 021, DE 19 DE ABRIL DE 2011, CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO). está sendo cumprida. Dessa forma, podemos dizer que os relatórios configuram-se como valiosas fontes de pesquisa.

Para melhor compreensão da visão do licenciando sobre a importância do estágio supervisionado, complementamos o presente trabalho com um questionário aberto (ANEXO 1) que foi respondido pelos autores dos relatórios obtidos. Optamos por perguntas abertas por não estabelecerem limites de respostas.

Na segunda etapa da pesquisa, realizamos uma entrevista semi-estruturada . A entrevista foi gravada e transcrita para posterior análise. Nesta etapa, buscamos entender como se deu o início do estágio supervisionado na instituição de ensino escolhida e como era o critério de escolha da escola a ser realizado o estágio. Buscamos também compreender como está organizado o estágio supervisionado atualmente e, por fim compreender a visão de um coordenador desta atividade na formação do futuro professor e sua avaliação do estágio supervisionado atual.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Análise dos relatórios

De acordo com os dados fornecidos nos relatórios analisados, os licenciandos compreendem a importância do Estágio Supervisionado Obrigatório em sua formação:

Percebi como o estágio é primordial para a preparação do futuro professor, além de proporcionar experiências para me tornar uma boa profissional, ter uma visão mais amadurecida quanto à vida acadêmica e complementar minha formação, aumentando minha visão crítica sobre a prática desenvolvida. (L1)

O Estágio Supervisionado nos permite ter uma visão mais ampla da sala de aula e da realidade que encontraremos na mesma. Através da vivência, é possível construir novos valores e métodos que sejam mais condizentes com a situação das turmas. (L2)

Eu acredito que a experiência adquirida com o estágio supervisionado I foi essencial para minha formação acadêmica. (L3)

Apesar do curto período de tempo, acredito que o Estágio Supervisionado I me proporcionou uma experiência de extrema importância para minha formação, tanto como profissional, tanto como cidadã. (L4)

No estágio supervisionado I é onde temos o primeiro contato com a experiência na docência, de certa forma ocorre como um separador de águas, onde refletimos se realmente queremos ser professores. O estágio apresenta uma grande importância, pois é nele que aprendemos qual a melhor forma de abordar o conteúdo programado, de forma a apresentar de uma maneira atrativa para chamar atenção dos alunos. (L5)

Quando o estagiário compreende a real importância, deixando a visão puramente de obrigatoriedade desta atividade, ele consegue estabelecer valores para a mesma. Podemos perceber nos relatórios escritos por alunos que o estágio supervisionado permite a construção dos saberes docentes, pois ele tem a capacidade de criar condições para a ocorrência de aprendizagem, proporcionando a construção de saberes e mudanças, tanto conceituais, quanto na concepção de ensino (FREIRE, 2001). Destes saberes, destacamos aqui os saberes experienciais, que de acordo com Tardif (2002), são aqueles que estão relacionados às experiências individuais e coletivas, de “saber-fazer”.

Durante a formação do licenciando, a experiência do professor orientador da escola, pode tornar-se referência para a formação do estagiário, ajudando-o na construção de sua identidade profissional, a partir do modo de atuação do professor. Sendo assim, o estagiário tem a possibilidade de refletir sobre a profissão docente, construindo ou até mesmo desconstruindo expectativas (BACCON; ARRUDA, 2010). Na análise dos relatórios, tornou-se visível essa reflexão sobre a atuação do professor frente à turma:

Me chamou atenção, ainda, a qualidade da aula expositiva: os professores eram muito superficiais em suas explicações e apresentavam uma ciência fechada em conceitos prontos, não dispostos a experimentação, bloqueando a naturalidade do processo da descoberta. Me pareceu um “acordo de cavalheiros” entre professor e aluno: por um lado, o professor fingia que dava aula e tinha menos trabalho e, por outro, o aluno fingia que estudava e tinha menos trabalho. Ao final com todos (ou grande parte) aprovados, ambas as partes estavam satisfeitas. Assim, reproduz-se o quadro já tantas vezes conhecido, onde passa-se o aluno a frente, mesmo abaixo do mínimo que ele deveria saber. (L6)

O corpo docente demonstra certa apatia no processo de educação. A maioria chega atrasado à escola, entrando em sala de aula mais de 30 min atrasado, em alguns casos. Eles usam o cansaço e o trânsito como respaldo para o atraso. Alegam que se trabalhassem apenas em uma escola não seria o suficiente para a sobrevivência de toda a família. (L2)

Para muitos licenciandos, esse momento é crucial para se descobrirem professores, sendo que, muitas vezes, esse momento configura-se como o primeiro contato com a escola, não mais como aluno, mas como um profissional em formação:

Eu percebi que gosto de ensinar e que me preocupo se eles conseguiram entender a matéria integralmente. Com o estágio desenvolvi mais ideias de como elaborar boas aulas práticas e teóricas, adquiri maior facilidade em me relacionar com os alunos. (L3)

Essa curta, porém valiosa experiência me fez compreender que tipo de professora eu quero ser no futuro. (L4)

O Estágio Supervisionado permite ao aluno observar e identificar a situação da educação e essa observação não se restringe apenas ao espaço escolar em que está inserido.

Particularmente, creio que o grande desafio educacional da atualidade está, justamente, em formar cidadãos capazes de transcender os limites disciplinares, cuja as reservas de conhecimento sejam constantemente (re)construídas e utilizadas face aos inesperados do cotidiano(...).O estágio supervisionado me fez notar o tamanho e

dificuldade desta “missão”, agravado pelo fato de ser uma tarefa trabalhosa para o corpo discente que, com pouco estímulo e reconhecimento, abandona ao acaso este compromisso. (...) Os professores eram muito superficiais em suas explicações e apresentavam uma ciência fechada em conceitos prontos, não dispostos a experimentação, bloqueando a naturalidade do processo da descoberta. (L6).

Em uma ocasião, a professora pediu aos estagiários que aplicassem a segunda chamada de um teste aos alunos faltosos. Durante a supervisão, fiquei tristemente surpresa ao observar uma determinada aluna. Ao me pedir que esclarecesse suas dúvidas, percebi que apesar de conseguir ler as questões, ela não conseguia compreendê-las, inclusive me pedindo auxílio para realizar uma conta de subtração, pois segundo ela não se lembrava de como resolve-la. (L4)

Hoje quase tudo em Ciências nas escolas é trabalhado na decoreba. Ciência não funciona na decoreba, Ciência é descoberta, é interesse, é a oportunidade de questionar e encontrar as soluções. (L7)

Quando pensei na metodologia do presente trabalho, conversei com alguns colegas que compartilhavam experiências similares às minhas, porém no decorrer desta pesquisa, identifiquei que o relatório do estágio supervisionado, o objeto de estudo do presente trabalho, não condizia com a realidade visto que realizei o estágio no mesmo período de alguns sujeitos da pesquisa e, por diversas vezes, compartilhamos nossas experiências e indagações sobre este período, entretanto essas experiências não foram citadas no relatório. Ao analisar os relatórios, percebi que muitos deles são bastante superficiais, sem uma real análise ou detalhes do processo, dando a ideia de terem sido feitos com o propósito de concluir a atividade. Sendo assim, para complementar este trabalho, foi elaborado um pequeno questionário distribuído para os mesmos alunos que me disponibilizaram os relatórios.

3.2 Compartilhando nossas reais experiências

Quando realizei o estágio supervisionado I, enfrentei uma série de problemas que quase me fizeram desistir da carreira docente. Neste momento da trajetória acadêmica, voltamos à escola não mais como alunos, mas como professores em formação e conseguimos olhar com outros olhos a realidade escolar, no tocante à do professor. O meu conflito foi decorrente a uma sequência de problemas que tive a infeliz oportunidade de vivenciar. Creio que a raiz do problema encontrava-se dentro da universidade, a problemática articulação desta com a escola. Eu não me sentia orientada, o estágio era meramente para observação, não tinha planejamento e muito

menos regência. Realizava poucas atividades, que não me trouxeram nenhuma experiência positivamente relevante. Na época desta vivência, lembro-me que compartilhei algumas angústias ao qual estava sentindo, e com isto, pude perceber que a grande maioria tinha alguma experiência semelhante para compartilhar.

Ao analisar os questionários respondidos pelos autores dos relatórios, tivemos acesso às suas experiências, sejam elas positivas ou negativas. Nessa análise pudemos perceber que o estagiário acredita que o estágio supervisionado é de grande importância para sua formação, mas que este apresenta falhas na execução. O presente trabalho corrobora com os resultados encontrados por Dias *et. al* (2013), que ao entrevistar alunos regularmente matriculados na Atividade acadêmica do Estágio Supervisionado afirmaram que *“é perceptível a importância que os alunos dão ao estágio supervisionado, mas evidenciaram-se dúvidas a respeito do que ele é efetivamente e de como ele deve ser conduzido.”* Podemos complementar esse pensamento com a reflexão de Souza & Fonseca (2013), que ao analisar a formação de professores na UFRRJ, declara que o estágio supervisionado precisa ser melhorado pois, *“além dele se estruturar principalmente pela observação, ele ainda não consegue dar ao professor em formação toda a autonomia em sala de aula que ele precisa para que tenha uma boa noção do que é a verdadeira prática na escola”* (p. 46).

O estágio supervisionado apresenta problemas que interferem em sua realização. Como exemplo, podemos citar o papel do professor da escola básica que, muitas vezes, não age como orientador, como facilitador da aprendizagem, limitando-se a receber o estagiário em sua sala, mas não mantendo vínculo profissional, de forma que o estagiário muitas vezes se sinta como um intruso, quebrando a rotina da sala de aula. Sobre isto, os licenciandos afirmam que:

Percebo que os professores, geralmente, se incomodam com os estagiários em sala de aula por que sua conduta como educador não é admirável. (L3)

(...) fui apresentada a professora que iria me orientar no estágio. Logo de cara ela me cumprimentou e disse: *“-Olha, você não precisa acompanhar as aulas; Coitada, mora longe e chega tão cedo na escola. Faz o seguinte, vem na última semana para eu assinar seu caderno de estágio e tá ótimo.”* Eu fiquei assustada porque minha orientadora interna não havia me passado isso. (L2)

Como estagiários, muitas vezes nem mesmo somos apresentados à turma ou até mesmo acabamos os inibindo com nossa presença. (L4)

O Estágio Supervisionado Obrigatório na UFRRJ não apresenta clara divisão quanto às atividades que o licenciando deve realizar na escola e, muitas vezes, limita-se

a observação. De certa forma, boa parte dessa situação deve-se ao fato de não ocorrer uma articulação eficaz entre a escola e a universidade, fazendo com que o aluno muitas vezes, encare esse momento como uma tarefa a mais a ser cumprida, e não como um momento importante de sua formação. (BACCON; ARRUDA, 2010).

De acordo com Nascimento & Ancelmo (2011, s/n) “*a falta de um acompanhamento efetivo dos professores de Estágio aos alunos nas escolas tornou-se assunto recorrente nos cursos de formação de professores.*” Para estes autores, quando os estagiários iniciam o período de estágio, há uma ruptura dos muros da universidade, que permite ao aluno o contato direto com a realidade escolar. Esta ruptura traz consigo muitos sentimentos que permeiam o aluno, como a preocupação em conseguir interagir positivamente com a escola e o receio de não ser capaz de lecionar.

Para Nascimento & Ancelmo (2011), o graduando precisa do apoio do professor do estágio para conseguir passar pela fase inicial que muitas vezes vem seguida de conflitos, dando a ele apoio teórico e também emocional para buscarem juntos, estratégias para superarem dificuldades que venham aparecer no decorrer do processo. Quando a orientação adequada não ocorre, há um grave risco do licenciando pensar em desistir da carreira profissional como docente, justamente pelo fato que este teve contato com problemas do dia-dia do professor, mas não recebeu ajuda necessária para tentar transformar essa dificuldade em oportunidade. Esse sentimento pode ser confirmado nos relatos de L3, que:

Foi bem difícil esse estágio, o pior, tive vontade de abandonar a licenciatura. Lembro que no 1º dia tive uma baita dor de cabeça (...) tive vontade de chorar ... eu pensei: o que fui fazer da minha vida!!

Muitos professores que são observados pelos estagiários no período de vivência, acabam desestimulando os futuros professores. No Estágio Supervisionado I, ao acompanhar um professor descontente com sua profissão, fui constantemente desestimulada por ele, muitas vezes fui questionada sobre o que eu estava fazendo, jogando fora minha oportunidade de escolher outra profissão com um retorno financeiro melhor. Muitos licenciandos acabam se descontentando com a profissão docente no decorrer de sua formação, principalmente quando ocorre o contato com a realidade escolar e com os depoimentos dos outros professores que se deixaram desanimar e acabam por contagiar os outros (SOUZA & FONSECA, 2013). Fonseca (2012, p. 33) afirma que a indignação causada nos alunos pelos desestímulos gerados pelos professores a serem observados pode transformar-se em “*possibilidades de viver sua*

própria experiência sobre a formação (...), visto que foram espaço de um acontecimento.”

A escolha do orientador da escola deveria ser um dos requisitos primordiais para o sucesso da atividade, pois de certa forma, durante o período do estágio estaremos avaliando a atuação deste profissional.

Os professores, geralmente, seguem rigidamente a ordem dos assuntos no livro e jogam, literalmente, a matéria no quadro ... a regra em sala é calar a boca e copiar, eu na posição de estagiária não aguentava aquela aula. (L3)

Acho importante esse contato com a escola, isso permitiu que eu tivesse uma visão real sobre o que acontece ali. Por sorte fiquei na turma de um bom professor, que realizava trabalhos que estimulavam a participação dos alunos, e também buscava integrar o cotidiano com o conteúdo em sala de aula. (L5)

Neste último relato, podemos perceber que embora L5 tenha acompanhado aulas de um bom professor, considerado assim por ela, destaca que o Estágio supervisionado não trouxe grandes contribuições para sua formação docente, pois:

Nós não participamos do trabalho, acabamos ficando como meros ouvintes em busca das horas de estágio. Em algumas disciplinas já tive trabalhos que me prepararam muito melhor do que o estágio supervisionado.

Este relato evidencia a necessidade de uma participação mais ativa no período de estágio supervisionado, pois este não trará grandes contribuições para o estagiário que apenas vai à escola a fim de recolher as assinaturas para comprovar a assiduidade na disciplina ou que usa o tempo na escola para fazer os trabalhos das demais disciplinas ou estudar para as provas (JANUÁRIO, 2008). O estagiário precisa ser, de fato, orientado para ter um direcionamento maior sobre as atividades que devem ser realizadas. Como afirma Januário (2008, p. 7) “*o trabalho promovendo mudanças não só é resultado de conhecer, querer e agir, mas também de vivenciar, experimentar, tentar e insistir*”.

O professor da disciplina deve estar presente em todo o período de estágio, e não limitar-se a controlar a pontualidade do aluno e assegurar que este consiga assinar e entregar em tempo hábil o termo de compromisso à Divisão de Estágio (DEST). Muitos licenciandos destacam que não recebem uma real orientação sobre o que fazer no estágio supervisionado:

Chegamos ao estágio supervisionado muito “cru” por isso nos submetemos a tudo que nos é imposto sem exigir nossos direitos. Na primeira reunião somos apresentados ao famoso “Estágio Supervisionado I”. Então, eles falam do segmento no qual é composto o estágio I, das escolas que a Universidade disponibiliza e de como devemos nos comportar e claro, do tempo que teremos pra resolver as papeladas e do relatório final. Quando vamos conversar com a nossa orientadora interna ela não nos dá opções de escolas, ela dita a melhor escola e ponto, temos que nos submeter. Acredito que a mudança tem que partir de nós e deles, a começar pela liberdade de escolha. Para então, o estágio contribuir para a formação de docentes. (L2)

Acredito que a escola escolhida para realização do estágio supervisionado deveria, antes de qualquer coisa, ser avaliada pelos orientadores da universidade e, após isso, caso considerada um bom ambiente de aprendizagem, ser liberada para a realização do estágio supervisionado obrigatório.

Na universidade investigada, os estágios supervisionados foram estruturados de forma a proporcionar aos licenciandos a oportunidade de vivência em praticamente todos os níveis da escola básica, porém, o estágio supervisionado não apresenta clara divisão das atividades a serem realizadas. O estágio é basicamente para observação, algumas vezes o estagiário realiza atividades básicas como aplicar provas e auxiliar em alguma explicação, mas é facultativo.

Acho que o estágio supervisionado poderia ser melhor aproveitado. Por um lado é bom, pois temos o contato com nosso futuro ambiente de trabalho, agora com uma mentalidade mais amadurecida e já pensando como futuros professores. Mas se pensarmos por outro lado, vivemos toda a nossa vida em uma sala de aula. Já passamos anos sentados nas cadeiras apenas observando. Sim, agora temos uma perspectiva diferente, mas apenas observando novamente (L4)

Assistir as aulas como espectadores. Não acho que isso seja eficiente. Acho que não seria necessário esse tempo todo na escola, poderíamos elaborar alguma atividade e aplicar na escola. (L5)

É evidente que a observação pode sim caracterizar uma forma de aprendizado, mas é com a prática que o aluno adquire experiências significativas para sua construção docente. Tardif (2002) afirma que os saberes são elementos que constituem a prática docente, e é na escola que temos a possibilidade de relacionar a teoria e a prática, que possibilitam a aquisição dos saberes docentes. A disciplina de estágio supervisionado limita-se à atividade na escola, apresentando raros encontros entre alunos e orientador para discutirmos a vivência.

(...) Juntar as pessoas que estão no estágio, de modo que compartilhem suas experiências, já que cada turma é diferente uma da outra e nem sempre os planos se encaixam muito bem para uma turma

determinada, então essa troca de informações sobre o que deu certo e o que não deu, na minha concepção é fundamental para que tenha a busca de novas soluções. Se por acaso o licenciando pegar um professor que não é muito bom, e uma turma com alguns problemas de comportamento, este pode acabar sendo de desestimulado, por isso acho que essa troca de experiências seria importante. (L5)

O baixo número de reuniões entre os estagiários e o orientador, que possibilitaria a troca de experiência, deixa cada vez mais evidenciado o distanciamento dos orientadores da realidade escolar, já que na maioria das vezes, conhece muito pouco da realidade vivenciada pelos estagiários, exatamente por não estar inserido nela e não entrar em contato com o licenciando, que poderia perfeitamente narrar suas experiências e indagações, possibilitando a ele, juntamente com o orientador, estabelecer significados para a experiência vivenciada, o que acarretaria com um maior aprendizado. Sobre a atuação do orientador, os licenciandos afirmam que:

Os nossos orientadores de estágio da Rural deveriam literalmente nos orientar, nos dar instruções, até mesmo aulas, sei lá palestras, de como sermos melhores em sala, de como não repetirmos os mesmos erros quando nós formos os professores. Eles só procuram cobrar documentação, assinaturas e mais nada. Senti falta de ter sido acompanhada mais de perto, de forma mais educativa pelos orientadores, talvez, não teria criado tantos monstros em minha mente com relação as nossas escolas e educação. Só sei que ficar sentada observando a bagunça da turma e a professora ficando louca não é legal, muitas vezes sentia que estava atrapalhando a aula. (L3)

As experiências relatadas nos questionários deveriam também ser relatadas nos relatórios, e tornar-se assim, visível aos orientadores o real problema de comunicação existente entre professores, orientadores e estagiários.

Ao serem indagados sobre como o estágio supervisionado poderia contribuir mais efetivamente para a formação docente, os estagiários declararam que:

Em minha opinião, poderíamos ter mais liberdade para atuarmos em sala de aula ajudando os professores ativamente com as aulas teóricas, com possíveis aulas práticas, o professor da escola tem que procurar interagir com o estagiário a fim de aproveitar sua presença para otimizar suas aulas. (L3)

Se realmente te colocasse em sala de aula. Que explorasse mais o aluno e sua vivência. Que fosse realmente uma iniciação à docência. (L1)

Acho que o estágio deveria ser trabalhado mais juntamente com as disciplinas pedagógicas. E acredito que poderíamos dar aulas sim, supervisionados pelos orientadores. Só assim, assumindo desde já o papel de docente, poderíamos nos preparar para aulas mais didáticas e

inseridas na realidade dos alunos e algumas situações que poderiam surgir no ambiente da sala de aula. (L4)

Com esses relatos, podemos perceber a necessidade do licenciando atuar de forma mais participativa no ambiente escolar. De acordo com Dias et. al (2013) “*se a proposta do mesmo é dar vivência e preparar o jovem para ser um bom profissional, ele precisa trabalhar, pois a observação é importante, mas não pode ser o ponto principal de um estágio.*” Sobre isso, Fonseca (2012, p. 31) afirma que:

A experiência é entendida como a prática, a formação a partir das vivências da realidade da profissão e vemos sua materialização na concepção de práticas de ensino, de estágios supervisionados e em outros espaços da formação. Entretanto, percebo que essa ideia de experiência se encontra baseada nos conceitos de informação, de observação e de prática, no sentido do trabalho. Ao colocarmos nossos alunos em contato com o trabalho do professor, mas de um outro professor, imaginamos que ele construirá sua experiência.

Fonseca (2012) comenta que a experiência produzida nos cursos de formação docente transmite ao aluno a ideia de que, ao observar o profissional mais experiente, este pode nos passar experiência. A autora conclui ainda que “*a experiência vivida “pelo outro” não permite uma experiência de formação*” (p. 34).

Na universidade estudada, há duas disciplinas que nos colocam mais efetivamente em contato com nosso futuro ambiente de trabalho, são elas o Ensino de Biologia I e Ensino de Biologia II. Nestas disciplinas, temos a oportunidade de entrar na escola no papel do professor e isso começa dentro da universidade, quando somos bem preparados desde o planejamento da atividade. Quando chegamos à escola, já temos em nossa mente toda a atividade que iremos desenvolver, e isto contribui muito para estabelecermos valores e experiências. Percebemos na fala de alguns alunos que, já ditas anteriormente, que o estágio deveria ser associado a alguma disciplina presencial, e dessa forma, com encontros frequentes, poderíamos discutir sobre nossa atuação na escola e a do professor, trocando experiências e também tendo a oportunidade de pensarmos coletivamente em formas de transformar esse momento de suma importância para nossa formação, em uma atividade não apenas de cunho obrigatório, mas de certa forma, prazerosa e eficaz para a nossa constante construção da identidade docente.

3.3 A contribuição do estágio supervisionado para a formação docente e suas limitações: a visão do orientador

Com a entrevista à professora, tivemos a oportunidade de conhecer melhor a visão de quem já foi responsável por essa parte tão importante do curso de licenciatura. A entrevistada foi coordenadora do estágio supervisionado e o convite para essa função se deu por conta de suas participações como membro de representações dos fóruns de licenciatura de Ciências Biológicas.

A professora nos relatou um breve histórico da chegada do estágio supervisionado às coordenações dos cursos, em especial, o curso de Ciências Biológicas:

Quando a gente pegou a tarefa, falei que não dá para coordenar o estágio sozinha e montamos uma equipe para coordenar o estágio, e nessa equipe faziam parte vários professores que faziam então a supervisão destes estagiários, porque antes era uma coisa muito grande e nova no curso, porque antes o estágio era supervisionado por professores de pedagogia e os professores davam aula de “ensino de...”, mas com o crescimento das licenciaturas, o departamento não conseguia fazer mais isso, parecia ser da vontade dos professores dos cursos, supervisionar o estágio. Então, como havia essas duas correntes, os estágios foram entregues às coordenações de cursos, só que na coordenação do curso de Biologia, os professores não são da área da educação, então como fazer? Na verdade, era um grande problema, né? Biólogos professores, mas que nunca lidaram com isso, de orientar isso, como é que vamos fazer isso? Aí eu me senti de uma forma tranquila para ajudar porque eu tinha trabalhado no Ensino Fundamental. Primeiro no Ensino primário, depois no Ensino Fundamental, depois na Universidade, então eu achava que para mim, não iria ser tão difícil por ser professora normalista, pois fiz curso normal, fiz licenciatura, então não era uma coisa tão difícil para mim por conta da minha vida acadêmica. Aí eu assumi, e é claro que eu acho que o estágio precisa muito ser repensado, né? Mas eu acho que enquanto a gente esteve lá coordenando, a gente conseguia fazer algumas contribuições para o estágio de biologia.

Um grande problema dos orientadores não terem formação acadêmica em educação é que este professor provavelmente nunca esteve inserido em escolas de nível básico enquanto professor. É evidente que lecionar no ambiente escolar tem suas particularidades que não são encontradas na universidade, que também possui suas características que não são encontradas na escola. Embora haja uma boa vontade por parte dos professores bacharéis em Biologia orientar seus alunos licenciandos, essa orientação pode não ser a ideal, já que há uma preocupação a respeito da bagagem que o orientador carrega da sua formação e atuação enquanto professor.

A gente tinha que ter uma ação com os alunos e essa era a minha orientação para quem estava coordenando o estágio. Agora, é difícil né, é difícil você querer que um professor, porque o que aconteceu,

nesse momento, muitas vezes os professores que talvez nem nunca foram normalistas, nem nunca tiveram um curso de formação de professor e alguns até que só fizeram bacharelado, viraram orientadores de estágio e até que ponto esse professor também tem uma bagagem para estar fazendo isso né? Porque é importante que a gente traga essas informações de vocês para uma reunião, ouvir uns aos outros e no estágio é uma observação, então se você está observando, está observando coisas boas e ruins e se você não trazer isso para seu coordenador de estágio aqui para ele estar te ajudando, como é que isso vai se resolver? E você não vai saber se é certo ou errado, você está numa formação né, o que é interessante no estágio é que o aluno ele está indo para escola e ali ele não é nem professor e nem aluno, se ele está numa situação completamente diferente e ali ele pode contribuir muito, tanto para formação do aluno quanto para ajudar, nós aqui na universidade para termos uma ideia e sabermos como ajudar vocês, mas isso só ocorre se você fizer essa troca, ou seja, se você consegue passar isso para o seu orientador. Se o seu orientador é um mero assinar seus papéis de estágio e pronto, não adianta nada.

Outro dilema destacado pela professora é a falta de continuidade nas ações que envolvem o estágio

Na minha avaliação de estágio, tem muita coisa para se construir, né. É uma pena que as coisas fiquem paradas, né. As coisas não... acho que essa falta de continuidade em tudo, nos programas, no estágio é que faz com que tenha sempre um retrocesso, o que faz com que a gente não avance né, e com isso a gente vai ficando capenga. Eu acho que o estágio não funcionava, começou a funcionar e me parece que hoje está meio capenga, não sei é a impressão que eu tenho quando a gente tá no PIBID², que a gente vê a ação do aluno, a gente vê o quanto o estágio poderia estar ajudando mais o nosso aluno.

Com esse trecho, podemos fazer uma comparação bastante peculiar a respeito destas duas atividades, que embora deveriam ser semelhantes em suas ações, não é isso que ocorre na prática. De acordo com Silva (2013) há muitas diferenças entre o PIBID e Estágio supervisionado, pois além de um ser opcional e o outro obrigatório, respectivamente, há outras particularidades, como por exemplo o período de contato com a escola e a atuação no cotidiano escolar. No PIBID os alunos têm a oportunidade de planejar aulas e ministrá-las, elaborar materiais de apoio, além de reuniões frequentes com a coordenação. Sendo que essas duas atividades pedagógicas apresentam a função de iniciar o licenciando à docência, inserindo-o na sala de aula onde será o seu futuro campo de trabalho, porque o PIBID é visivelmente muito mais eficaz, em comparação com o estágio supervisionado obrigatório? Acredito que o que falta ao estágio supervisionado é essa ação do aluno, é retirá-lo da função de mero observador e integrá-

² PIBID é o programa institucional de bolsas de iniciação à docência, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

lo ao ambiente escolar onde ele é inserido. Zancul (2011) afirma que o estágio supervisionado é uma oportunidade valiosa que os licenciandos possuem para conhecerem melhor sua área de atuação, configura-se como um momento de construção de sua identidade profissional. Porém, “é necessário um direcionamento das atividades para que o estágio tenha, verdadeiramente, um sentido formador para o futuro professor, considerando a complexidade da formação e da atuação desse profissional.” (ZANCUL, 2011, p.10).

Além de todas as problemáticas que comprometem o bom funcionamento do estágio supervisionado, a entrevistada sugere a necessidade de uma maior articulação entre as licenciaturas da universidade, a fim de juntas, contribuírem para a reconstrução do estágio supervisionado, fornecendo subsídios para o orientador do estágio estar se apoiando para otimizar tanto a sua atuação quanto a do estagiário.

Eu acho que o problema do estágio é um problema grande, eu acho que assim, a gente tinha que ter uma comissão na universidade, já que os estágios passaram para as licenciaturas, para as coordenações, então a gente tinha que ter apoio na universidade de um grupo de professores que tivesse pensando no estágio da rural, e ali sim, esses professores vão montar mecanismos, talvez até propostas, talvez até material para fornecer para os cursos para que a gente tenha, eu sei que não pode ser nada, uma coisa muito geral, já que a gente tem vários tipos de estágios, mesmo que seja de licenciatura. A biologia talvez se enquadre melhor assim, a história talvez se enquadre melhor assim, mas está se apoiando, ajudando para que os coordenadores do estágio possam estar sabendo como trabalhar, porque eu acho que falta isso, né. A gente precisa que isso seja mais, que se tenha mais uma ajuda para esses professores.

Por fim, ao ser indagada sobre a importância do estágio supervisionado na formação do professor, a entrevistada afirma que:

Eu acho que é tudo, eu acho que o estágio é extremamente importante para o licenciando, desde que esse estágio seja feito de forma certa. Sem o estágio, o licenciando sai faltando, falta para ele essa vivência, falta para ele essa atuação (...) É lá que você vai ter os casos, é lá que você vai vivenciar as dificuldades e as coisas boas dessa profissão. Eu acho que o estágio é de extrema importância e é para mim, assim, quase que igual à formação de vocês acadêmicas, no sentido de que se você não sabe usar o que você aprende aqui, que é o que você aprende no estágio, como é que faz esse professor? Você mesmo vê como é difícil uma aula de um professor que não sabe explicar, que não sabe repassar, não é? E esse professor só aprende a fazer fazendo (...) Eu acho que o estágio é de extrema importância e é por isso que eu fico angustiada em ver como está o estágio.

No decorrer do presente trabalho, pudemos perceber que é consenso de todos que o estágio supervisionado é peça fundamental na formação docente. Além de nos possibilitar vivenciar no nosso futuro ambiente de trabalho, também pode nos permitir colocar em prática o que foi aprendido na universidade desde que este mantenha o seu bom funcionamento, atingindo os objetivos. De acordo com Januário (2008, p. 3), “a teoria não é a única ferramenta que formará um bom profissional”. Não basta apenas saber o conteúdo, mas é necessário também saber empregá-lo e isso é fruto da prática.

O estágio supervisionado é o nosso maior contato com o futuro ambiente de trabalho durante o nosso período de formação, sendo assim, apesar dos problemas de percurso, compreendemos que a vivência durante esse momento, permite aos alunos de licenciatura a construção de conhecimentos que contribuem para a formação inicial, mobilizando saberes docentes. O estágio supervisionado precisa ser repensado visando o melhor aproveitamento deste momento. Tão importante quanto dominar o conteúdo teórico, é saber ensinar, construir informações juntamente com nossos futuros alunos, e o estágio supervisionado pode fomentar nossa construção da identidade profissional.

Ao término das análises, pudemos compreender através das falas de todos os envolvidos nesta pesquisa que ainda existem muitas lacunas a respeito do estágio supervisionado, apontando que este precisa ser repensado, de forma a fornecer ferramentas aos alunos que possibilitem integrá-los ao ambiente escolar, não apenas como agente observador, mas possibilitando a este uma maior atuação. Além disso, há a necessidade de uma maior supervisão dos orientadores a respeito do ambiente escolar em que estaremos inseridos durante o período de estágio supervisionado, e principalmente, é necessário que haja um diálogo constante entre estagiários e orientadores, de forma a compartilharmos nossas experiências e empregarmos significados à elas.



ANEXO 1: Questionário destinado aos Licenciandos.

Olá! Gostaríamos que você compartilhasse conosco suas experiências no Estágio supervisionado I:

- a) Aponte os pontos positivos e negativos dessa vivência.
- b) De que forma o estágio supervisionado poderia contribuir mais efetivamente para a formação docente?

Quando você realizou o Estágio Supervisionado?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCON, A. L. P. **O professor como um lugar: um modelo para análise da regência de classe**. 2005. 166f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005. Disponível em: <<http://www2.uel.br/cce/pos/mecem/dissertacoes.htm>>. Acesso em: 4 ago. 2008.

BECKER, H. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 2 ed. São Paulo: Hucitec. 1994

BORGES, C. M. F. **O professor de educação básica e seus saberes profissionais**. Araraquara: JM Editora, 2004.

BULGRAEN, V.C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010 – ISSN 1807-9539.

CHAGAS, V. **Formação do magistério: Novo sistema**. São Paulo: Atlas, 1976.

CYRINO, M.C.C.T.; PASSERINI, G.A. Reflexões sobre o estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Londrina. In: CAINELLI, M.; FIORELI, I. (Org.). **O estágio na licenciatura: a formação de professores e a experiência interdisciplinar na Universidade Estadual de Londrina**. 1ed. Londrina: UEL/Prodociencia/Midiograf, 2009, p. 125-144.

DIAS, B.G. ; FURTADO, L. ; FONSECA, L.C.S. Estágio Supervisionado sob o olhar do licenciando: perspectivas e ações. In: VI Encontro Regional de Ensino de Biologia, 2013, Natal. **Anais do V Encontro Regional de Ensino de Biologia - Nordeste**. Natal, 2013.

FELDKERCHER, N. O estágio curricular supervisionado como componente teórico e prático em cursos de formação inicial de professores. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 115, 2010, ISSN 1519-6186.

FERNANDEZ, C.M.B.; SILVEIRA, D.N. Formação inicial de professores: desafios do estágio curricular supervisionado e territorialidades na licenciatura. In: 30ª Reunião Anual da ANPED, 2007, Caxambu. **Anais da 30ª Reunião anual da ANPED**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT04-3529--Int.pdf>. Acesso em: 29 agos. 2012.

FILHO, A.P. O Estágio Supervisionado e sua importância na formação docente. **Revista P@rtes**. 2010. Disponível em: <http://www.partes.com.br/educacao/estagiosupervisionado.asp>. Acesso em: 15 mai. 2014.

FONSECA, L.C.S. “Será que eu sirvo para ser professor?”: Reflexões sobre a experiência na formação de professores de Biologia. **XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas - 2012**. Disponível em:< http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/2177d.pdf> Acesso em: 09/ 06/2014.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

JANUARIO, G. Materiais Manipuláveis: uma experiência com alunos da Educação de Jovens e Adultos. In: Encontro alagoano de educação matemática, I, **Anais... I EALEM: Didática da Matemática: uma questão de paradigma**. Arapiraca: SBEM – SBEM-AL, 2008.

- LAPO, F.R.; BUENO, B.O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 65-88, março/ 2003.
- LARROSA BONDIA, J. “Notas sobre experiência e o saber de experiência”. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.
- LEMOS, J.C.G. **Do encanto ao desencanto, da permanência ao abandono: o trabalho docente e a construção da identidade profissional**. 2009. 315 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- LOPES, F.M. **A construção dos saberes docentes e a relação de identificação no estágio supervisionado de Biologia**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU. 1986.
- MIZUKAMI, M.G.N; REALI, G.N. **Aprendizagem Profissional da Docência: Saberes, Contextos e Práticas**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2002, p. 119 – 137.
- NASCIMENTO, A.M.; ANSELMO, K.B. O estágio curricular obrigatório e o trabalho do professor orientador: limites e tensões. **Anais do I seminário sobre docência universitária**. Universidade estadual de goiás – UnU INHUMAS 12 de março de 2011.
- NOVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Portugal: Lisboa Codex, 1992.
- NUNES, A. **Indisciplina na sala de aula – Uma reflexão a partir da realidade**. setembro/2006. Disponível em: http://www.asemana.cv/article-imprim.php?id_article=17387. Acesso em: 27/02/2014.
- PATTON, M.Q. **Qualitative evaluation methods**. Beverly Hills, CA: Sage, 1980. 381p.
- PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação. Série Saberes Pedagógicos).
- SANTOS, H.M. O estágio curricular na formação de professores: diversos olhares. In **28ª Reunião Anual da ANPED**, GT8 – Formação de Professores. Caxambu, 2005.
- SILVA, K.D. **PIBID x estágio obrigatório: a importância da pesquisa-ação**. Brasília: Distrito Federal. Disponível em: http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/7224/1/2013_KarineDouradoSilva.pdf. Acesso em: 17/06/2014.
- SOUZA, P.A.R.; FONSECA, L.C.S. **Licenciatura em ciências biológicas: memórias de uma formação inicial**. 2013. Rio de Janeiro. Seropédica, Rio de Janeiro. UFRRJ.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução: João Batista Kreuch. Rio de Janeiro: Vozes, 2005
- VILELA, M. L. **Dimensões formativas em confronto na Prática de Ensino escolar: uma investigação de percursos de licenciandos das Ciências Biológicas**; Sandra Escovedo Selles; 07/07/2008, UFF, Niterói-RJ; Tese (Doutorado em Educação), 153p.

ZANCUL, M.S. O Estágio Supervisionado em ensino segundo a percepção de licenciandos em ciências biológicas. **Rev. Simbio-Logias**, v.4, n.6, Dez/2011.

ZIMMERMANN, E.; BERTANI, J.A. Um novo olhar sobre os cursos de formação de professores. **Cad.Bras.Ens.Fís.**, v.20, n.1: 43-62, 2003.